LER E ESCREVER NA ESCOLA PÚBLICA: UMA PORTA PARA O SABER

NADI ELMA ROCHA SANTOS

RESUMO
Este artigo discute a real importância da leitura e da escrita na escola pública, como veículo de inclusão social abrindo um leque de informações, para aquisição do saber. Aborda os desafios que a escola precisa enfrentar para formar leitores conscientes do seu papel de cidadão. Enfatiza como a literatura pode contribuir para a formação de escritores, ou seja, de pessoas que saibam se comunicar por escrito sendo produtores da língua escrita, com capacidade para expressar-se diante de situações do seu cotidiano. Reforça a relevância de se trabalhar leitura com textos literários associando fantasia com realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Escrita; Literatura; Processo ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

É perceptível que na escola pública a leitura se limita ao livro didático, enquanto os paradidáticos são pouco utilizados. Será que se outras leituras de como textos literários, e se diversos gêneros fossem estimulados no fundamental I o ensino seria mais eficiente e o aluno da escola pública se tornaria um leitor proficiente?

O propósito deste trabalho é mostrar a importância da leitura na sala de aula como tarefa para o crescimento intelectual do aluno do fundamental I. Ensinar a ler e escrever não é uma questão simples levando em consideração a diversidade que o ato de ler traz embutido na ideia do autor. Ler não quer dizer decodificar símbolos ou repetir palavras, mas mergulhar num mundo de ideias é viajar na imaginação e chegar a lugares criados pela mente do leitor.

A ideia é mostrar através de experiências e de projetos escolares, como a leitura e a escrita podem mudar o ritmo de uma escola desde que ela (a leitura) seja um veículo de transformação na vida do aluno. Uma das funções da leitura é formar consciências críticas capazes de reconhecer o positivo e o negativo dos fatos.

Quando a escola utiliza de estratégias que estimule o ato de ler ela se torna muito mais autônoma e independente. Este trabalho apresenta estratégias de leitura que contribuem para uma sociedade letrada capaz de ler corretamente e interpretar os mais variados gêneros: ler para aprender. Escrever para externar ideias, pensamentos mostrando a compreensão do que foi lido. Ler e escrever é levar o aluno a descobrir um mundo de fantasias, aventuras, realidades, e fatos produzidos pela imaginação do leitor/escritor o qual vai se encantando com estas práticas até chegar ao ápice dos seus desejos e seus sonhos levando-o ao domínio do código escrito.

Este artigo está embasado em obras escritas pelos autores como o renomado Paulo Freire, as escritoras Isabel Solé, Delia Lerner, Marisa Lajolo e nos organizadores do livro Ler e Escrever compromisso de todas as áreas Iara Conceição Bitencourt Neves, Jussara Vieira Souza, Neiva Otero Schäffer, Paulo Coimbra Guedes e Renita Klüsener.

Todo processo metodológico parte da leitura, busca de informações literais, vocabulário, compreensão e interpretação do texto, analise crítica e formação de opinião. A metodologia deste trabalho se processa através de pesquisa bibliográfica, com leituras de textos, livros, artigos, revistas, jornais.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA MUDANDO A REALIDADE ESCOLAR

É comum alunos ingressarem no fundamental II com dificuldade de leitura e de escrita. Torna-se obvio, o indivíduo que não lê, logo não escreve, ou seja, apresenta sérias dificuldades nestas duas habilidades.

A escola pública caminha a passos lentos quando se trata da prática de leitura em sala de aula. Em muitos casos a leitura e a produção de texto ficam restritos ao ensino de língua portuguesa o qual não consegue por si só desenvolver no aluno estas capacidades. É preciso que todas as outras disciplinas estejam envolvidas no processo para redefinir a função da leitura e da escrita na escola.

LERNER (2002) afirma que a leitura é uma função essencial para a vida do aluno e que

os educadores devem assumir este desafio, ensinar a ler para concretizar a ideia de formar leitores proficientes no ensino público.
Ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido escrito. O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos a cultura do escrito, e o de conseguir que todos seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores que produzem seus próprios textos para mostrar suas ideias, para informar sobre fatos que os destinatários necessitam ou devem conhecer, para incitar seus leitores a empreender ações que consideram valiosas, para convencê-los da validade dos pontos de vista ou das propostas que tentam promover, para protestar ou reclamar, para compartilhar com os demais uma bela frase ou um bom escrito, para intrigar ou fazer rir... O necessário é, fazer da escola um âmbito onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir.
É necessário que a escola adote uma proposta de leitura e de escrita, onde todos estejam envolvidos e possam engajar-se, para detectar as dificuldades conhecê-las de perto e poder tratar o problema com coerência construindo alternativas, que permitam superar os entraves os quais dificultam o desenvolvimento intelectual. Sem leitura os problemas de aprendizagem tornam-se árduos e a escola não evolui integralmente no seu contexto social e político, haja vista, que para se formar cidadãos críticos é preciso incentivar e orientar a leitura e a escrita dentro e fora da escola. Elaborar projetos condizentes com a proposta da escola sem perder de vista o PPP que é o instrumento norteador da escola.
É responsabilidade de cada professor prever atividades e intervenções que favoreçam a presença na sala de aula do objeto de conhecimento tal como foi socialmente produzido, assim como refletir sobre sua prática e efetuar as retificações que sejam necessárias e possíveis. É necessário introduzir modificações no currículo e na organização institucional, criar consciência em relação à opinião pública e desenvolver a pesquisa no campo da didática da leitura e da escrita. É necessário também traçar novamente as bases da formação dos professores e promover a hierarquização social de sua função.
É aconselhável introduzir no currículo a ideia de que uma situação didática cumpre em geral diferentes objetivos específicos, ao menos quando essa situação foi planejada levando em conta os objetivos gerais. É importante que a escola tenha como um dos seus objetivos a leitura e que ela seja um ato centrado na construção do significado.
A prática da leitura faz o indivíduo enxergar além do interior, além da imaginação. Entender com criticidade os acontecimentos globais depende do grau de leitura de cada pessoa. Faz com que a lucidez esteja presente nos discursos e nas falas do leitor.
Precisamos nos tornar uma nação leitora, porque o cidadão comum de uma nação moderna é alguém que chega à vida adulta, capacitado para ler e entender manuais, embalagens de produtos, instruções de uso e advertências, relatórios, poesias, formulários, atlas, contos, gráficos, tabelas, receitas, artigos de jornal e revista e todas as demais formas da escrita cotidiana impressa ou eletrônica.
Hoje, o leitor tem muito mais acesso à palavra escrita, aos meios informacionais do que no passado, seja através da escola, através dos produtos de consumo e dos meios de comunicação. Na televisão, essencialmente imagem, ela está presente em anúncios, títulos dos programas, muito embora esses contatos limitam-se a mera identificação, não levando a leitura crítica e reflexiva.
Depreendemos então que quanto mais nos aproximamos da leitura, mais condições têm-se de perceber a diferença entre um texto e outro; mais facilidade encontramos para interpretar o mundo e as pessoas que nos cercam.
Contudo, embora sabedores que somos de que hoje as condições para a leitura, a informação são muito mais eficazes do que outrora, presente em anúncios nas ruas, na televisão, através da imagem, todo esse contingente de comunicação não leva o leitor a uma reflexão crítica, logo não pode criar subsídios para que o mesmo venha a trans-

formar a realidade que o cerca.
Temos que pensar na leitura que inquieta, provoca sensações, desperta senso crítico; torna-nos participantes de uma transformação intelectual, material e por que não dizer: leitura que nos dê prazer, que nos seduza, que nos faça viajar "por mares dantes desbravados". Para se formar uma massa crítica, é necessário que o hábito da leitura se forme desde tenra infância; que os alfabetizadores transmitam o prazer de ter um livro em nossas mãos, manuseá-lo, sentir o cheiro do papel, extasiar-se com as cores das gravuras, deleitar-se com as letras que formam uma a uma o conteúdo, e nos remete ao imaginário.
Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os outros são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões da vista; o telefone é extensão da voz; temos o arado e a espada, extensões do braço. Mas o livro é uma extensão da memória e da imaginação.
O que fazer com ou do texto literário em sala de aula funda-se, ou devia fundar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas. Estas, de modo geral, afastam os problemas teóricos como irrelevantes ou elitista diante da situação precária que, diz-se, esperar o professor de literatura numa classe de jovens. A precariedade de tal situação costuma ser resumida nos clichês e preconceitos que, afloram quando vêm à baila temas que relacionam jovens, leitura, professor, escola, literatura e similares.
O trabalho com textos literário não deve ser nunca desprezado, questionado sim, mas sem preconceito e com representação contemporânea, associando fantasia com realidade e estabelecendo comparação entre as características do passado com os tempos atuais, que relativamente não são muito diferentes.
Segundo COELHO (2000), atualmente a formação educativa mais adequada é aquela que procura articular as diferentes áreas do saber, de forma que uma contemple a outra, com organização de ideias em um determinado contexto e aquisição de conhecimentos com saberes essenciais.
FREIRE (1992) afirma que é importante fazer as relações entre os conteúdos da Educação Física com as demais disciplinas, para haver o conhecimento de pontos em comum e a dependência que corpo e mente, ação e compreensão têm entre si, ou seja, esses uni termos citados não devem ser destrinchados, mas sim unificados, complementando um ao outro.
Na compreensão do autor, a Educação física necessita de outras disciplinas como recurso auxiliar no aprendizado do educando, mas sem descaracterizar sua práxis, pois, ela tem seus conteúdos específicos para serem ministrados no âmbito escolar, assim como as demais disciplinas existentes.
Educação Física precisa manter com as demais disciplinas uma interdisciplinaridade, pois segundo o mesmo autor, (...), "uma vez que se tenha um bom domínio de alguma habilidade, pode-se combiná-la com ensinamentos de sala de aula, como leitura, escrita e cálculo" (p.188). Existem elementos de outras disciplinas que podem ser trabalhados na educação Física ou vice-versa e que também reforçam a ideia levantada nos parágrafos anteriores.
Meira (1974, p. 67) diz que a literatura sendo ciência e arte, não poderia deixar de ter relações com os outros ramos do saber humano, pois sua relação é intima. Este autor reconhece que:

"A influência da Literatura sobre as outras ciências são evidentes, mas nem por isso está fora também da influência das outras ciências. Há uma correlação constante entre todas elas, uma infiltração sutil e poderosa, que as prende, que as nivela num sistema intricado de relações mútuas".
"A literatura, quando tomada sob o aspecto cientifico, distribui-se por todas as outras ciências, que dela necessitam constantemente. Eis por que se fala em uma relação da Literatura com as outras ciências".

Ensinar é dar condições ao aluno, para que ele se aproprie do conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é ensinar a escrever porque a reflexão sobre a produção de conhecimento se expressa por

escrito.
Isso é tarefa do professor de história, de geografia de ciências, de artes, de educação física, de matemática... É tarefa da escola - os professores, o grupo gestor, e os coordenadores reunidos numa atividade interdisciplinar- vão reservar alguns períodos da semana para que os alunos se dediquem, em sala de aula, à leitura individual, solitária, silenciosa de todo tipo de material impresso: livros, jornais, revistas noticiosas especializadas, romances, contos, ensaios, memórias, literatura infanto-juvenil, literatura adulta, paradidáticos de todas as áreas, textos de todo tipo, enfim, postos à sua disposição para que o exercício da leitura os transforme em leitores.
E vão ler a respeito de que? Nessa leitura interdisciplinar de formação de leitores vão ler principalmente, o que acharem interessante: começando por histórias de aventura e de amor, que satisfaçam sua necessidade de fantasia, passando por poemas de todo tipo, que deem vazão a seus sentimentos e os organizem, passando por reportagem de atualidades, de divulgação cientifica, que encaminhe sua curiosidade e forneçam uma base para dimensionar o mundo em que vivem, notícias sobre a cidade, sobre o estado, o país, ensaios sobre história do Brasil, da América, do mundo, sobre os problemas do presente sobre outros povos, contemporâneos ou antigos, sobre a política , os costumes, os aspectos, a tecnologia, as ciências as artes etc.
Trata-se de exercitar a leitura para colocar em prática o hábito de ler, quer na sala de aula, quer em casa ou em qualquer ambiente. Trata-se de tornar a sala de aula um ambiente favorável para vários tipos de leitura e fazer do um leitor proficiente.
Solé (1987, p. 87) traz a ideia de que leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam a leitura.
Esta afirmação nos remete ao pensar que leitura é um processo interativo com o mundo do autor e com o mundo real, já que a leitura abre muitos horizontes. O leitor adquire conhecimentos diversos, aprende a estabelecer diferenças, ajuda a alcançar algumas finalidades, e prepara o aluno leitor para a vida.
Ainda falando da afirmação acima citada de Solé (1998) ela nos diz que: esta afirmação tem várias consequências. Em primeiro lugar, envolve a presença de leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer é desfrutar; procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo); informar-se sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a revolução francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio; aplicar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho, etc.
Uma nova implicação derivada da anterior é que a interpretação que nós leitores, realizamos dos textos que lemos depende em grande parte do objetivo da nossa leitura. Isto é, ainda que o conteúdo de um texto permaneça invariável, é possível que dois leitores com finalidades diferentes extraiam informação distinta do mesmo. Assim, os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e a compreender.
A questão dos objetivos que o leitor se propõe a alcançar com a leitura é crucial, porque determina tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, quanto o controle que, de forma inconsciente, vai exercendo sobre ela, à medida que lê. Isto é um pouco difícil de explicar, mas acontece. Enquanto lemos e compreendemos, tudo está certo e não percebemos que além de estarmos lendo, estamos controlando o que vamos compreendendo.

LER E ESCREVER UM CAMINHO PARA A CIDADANIA

Para se formar uma massa crítica, é necessário que haja leitura a partir da infância. Já na pré escola o aluno precisa ser introduzido no mundo da leitura, para assim começar a desenvolver a sua criticidade.
Todo bom leitor é bom aprendiz, e esse é im-

portante para o êxito tanto na escola quanto na vida ulterior.
A sociedade do futuro tem sido descrita como a – sociedade do aprendizado acredita – se que será necessário o aprendizado continuo, para garantir a continuidade do desenvolvimento econômico.
O desenvolvimento tecnológico continua a determinar a transferência do trabalho manual para o trabalho intelectual. Os sociólogos ao calcular que há uns cem anos, em cada cem pessoas oitenta exerciam ofícios manuais, mas que, num futuro próximo, acontecerá que para cada vinte operários não – especializados haverá oitenta pessoas exercendo profissões intelectuais.
A essa luz, portanto, a leitura e os livros têm hoje um novo significado e já não basta a uma pessoa complet5ar sua educação escolar. O progresso da ciência e da tecnologia se processa num ritmo tal que a instrução que hoje ministramos será considerada insuficiente amanhã. Vivemos numa era de especialização em virtude do extraordinário desenvolvimento da ciência e da tecnologia, e da consequente fragmentação do conhecimento.
A especialização traz benefícios. Possibilita pesquisas e experimentos e é a força motriz do progresso. Porem leva a separação dos ser4s humanos em guetos culturais de especialistas, confinados pelo conhecimento particularizado – a uma especificidade contra a qual um antigo provérbio já nos advertia: não se concentre tanto na folha, aponto de esquecer que ela é parte da árvore e está, da floresta.
A noção da existência dessa floresta depende do senso de conjunto que une a sociedade e não a deixa se desintegrar. A ciência e a tecnologia, portanto, já não podem desempenhar esse papel unificador da cultura.
Os livros desempenham inúmeros papéis nessa autoeducação. Primeiro há a necessidade de satisfazer os interesses, necessidades e aspirações individuais. Todo ser humano pode ser ajudado pelos livros a se desenvolver à sua maneira, pode aumentar sua capacidade crítica e aprender a fazer escolha entre a massa da produção geral dos meios de comunicação.
Os livros não têm importância menor hoje do que no passado. São o que tem sido há séculos: portadores do conhecimento de uma geração para outra, pedras angulares da vida intelectual e emocional, responsáveis pela formação do cidadão consciente dos seus deveres e direitos.
Para os jovens leitores, os livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideias de amor, segurança e convicção. Ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida, proporcionando-lhes casos exemplares, auxiliando na formulação de perguntas e respostas correspondentes ajudando a estabelecer um conceito global de mundo. E através da leitura que o jovem encontra sentido para sua existência.
Dizer que o sentido precisa ser encontrado equivale a dizer que é algo a ser descoberto, não inventado. A educação para a cidadania apoia-se em alguns valores em que não se caracterizam pelo fato de aperfeiçoarem a pessoa, de serem bons para um sujeito, mas são bons em si, como a verdade, o belo, o valor, e a pessoa lhe dá uma resposta de valor pela qualidade de que são portadores. É a partir da leitura que se consolida a cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda escola deveria trabalhar com leitura, com projetos bem articulados para que os alunos se tornem leitores conscientes do seu papel na sociedade.
Se se conseguir formar leitores, consequentemente, os alunos se tornarão mais aptos à realização das atividades e com tal resultado se verão rendimentos maiores e alunos mais voltados para a importância da escola na sua vida, evitando-se com isso a evasão e/ou a reprovação que os desestimulam a irem à escola.
Conclui-se, portanto que a leitura eleva o nível intelectual das pessoas nas diversas fases da vida tornando o indivíduo capaz de realizar atividades que ajudarão a impulsionar o estudo e o trabalho com sucesso.
A aprendizagem está intimamente ligada ao habito da leitura, uma vez que a prática da leitura e da escrita estabelece uma relação com todas as disciplinas. A leitura não tem a função só de garantir a aprendizagem do aluno, mas de integrá-lo à escola e a sociedade estimulando-o a buscar cada vez mais

o saber, riqueza que poderá carregar sua vida inteira com a garantia de seguro. Ou seja, ninguém lhe poderá furtar.
A leitura é um dos pilares da educação escolar, pois é prioritariamente no ambiente escolar que as práticas de leitura e escrita são sistematicamente formalizadas.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cutrix, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peiropólis.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam 48ª edição São Paulo: Cortez, 1997.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura pra a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1997.
LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIMA, Justino Alves: Leitura zero - artigo publicado no jornal da cidade, coluna de opinião, B-2 Aracaju.

MANGEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo, companhia das letras, 1997. (catálogo da Editora Cia. das Letrinhas – 2005)

MEIRA, Cécil. Introdução ao estudo da literatura. Rio de janeiro: Forense Universitária, 1974.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leituras. Porto Alegre: Artmed, 1998.